

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E
ADMINISTRAÇÃO DO PORTO

A APROPRIAÇÃO
CULTURAL NOS
ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA

ESTUDOS INTERCULTURAIS

LUCIANA ROCHA 2140507
R31D

ÍNDICE

Introdução.....	4
Apropriação cultural.....	5
A apropriação cultural nos Estados Unidos da América.....	7
Caso da cultura afro-americana.....	8
Caso da cultura índia norte-americana.....	11
Outros exemplos de apropriação cultural.....	13
Conclusão.....	14
Referências bibliográficas.....	15

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Estudos Interculturais, lecionada pela Doutora Clara Sarmiento, que visa aprender e dar a conhecer um pouco mais sobre o fenómeno da apropriação cultural.

Foi usado como foco de estudo a situação dos Estados Unidos da América, em especial o caso da cultura afro-americana e da cultura índia norte-americana.

Consolidando todos os conhecimentos apreendidos ao longo do semestre, este trabalho tem como objetivo observar e explicar os episódios de apropriação cultural de várias culturas pela cultura dominante, neste caso a comunidade branca americana, focando-se nos conceitos de cultura e poder, estruturas de pensamento, construção social de identidade e identidades pessoais e coletivas.

APROPRIAÇÃO CULTURAL

A apropriação cultural designa-se pela adoção de elementos próprios de uma cultura por um grupo cultural diferente. Traduz-se na inserção de vestuário, música, arte, religião, língua ou comportamentos sociais típicos de uma cultura, noutra cultura diferente. Ao serem removidos dos seus contextos culturais, estes elementos podem assumir significados diferentes dos originalmente pretendidos. A apropriação cultural está relacionada com a aculturação, no entanto, pode implicar uma visão negativa em relação à aculturação de uma cultura dominante por uma cultura minoritária, tratando-se de um claro ato de poder.

A apropriação prática está relacionada com a adoção de ideias, símbolos, artefactos, imagens, sons, formas ou estilos de outras culturas, principalmente da cultura popular enquanto folclore. Esta adoção também pode ser apelidada de empréstimo cultural e é vista por muitos antropólogos como parte da mudança e evolução cultural, resultante do contacto entre diferentes culturas, tendo vindo a ser estudada por especialistas na área. Estes concluem que este empréstimo pode ser interpretado como algo positivo, representando uma forma de admiração, sem intenção de ofender a cultura minoritária.

No entanto, esta opinião não é consensual, pois os membros das culturas minoritárias sentem-se roubados da sua identidade coletiva, o que implica todo um conjunto de significados e estruturas de pensamento aplicados num contexto completamente diferente, sentindo-se subordinados a nível social, político e económico pela cultura dominante. Estas culturas veem os seus artefactos, que contêm enorme simbolismo tradicional, a serem representados levianamente em roupa e a serem considerados “moda”, por exemplo.

A cultura e o poder interpretam um papel fulcral na apropriação cultural pois, mais uma vez, observamos o capital cultural e as grelhas textuais¹ de uma cultura a serem apoderadas por outra, que por sua vez é a dominante. Para Bassnett e Lefevere, as grelhas textuais são criadas pelo ser humano. São construções históricas e contingentes, não são eternas nem imutáveis, no entanto parecem eternas, pois estão interiorizadas no ser humano de tal forma que parecem naturais, até inquestionáveis, tal como a sua própria cultura. Esta teoria é

¹ Susan BASSNETT e André LEFEVERE. “Introduction: Where are we in Translation Studies?” *Constructing Cultures*.

baseada no conceito de “capital cultural” de Pierre Bourdieu, que analisa os discursos e narrativas, tratando-se de histórias que contamos e ouvimos contar, são textos de uma cultura presentes na literatura, música e artes.

Os discursos e narrativas são então utilizados para que uma cultura, por vezes inconscientemente, legitime o seu poder sobre outra. Isto pode conduzir ao racismo, elitismo, essencialismo e à criação de estereótipos, onde a cultura majoritária tem o poder de narrar e de proibir os outros de o fazer, é a apropriação da cultura pelo poder.

A construção social de identidade, que se define pela forma como as nossas ações e experiências são moldadas pelo ambiente social em que existimos, pela maneira como nos definimos e somos definidos pelos outros. Também interpreta um papel fundamental pois pode levar à criação de estereótipos, tratando-se de representações simplistas que reduzem os indivíduos a um conjunto de traços característicos, negativos e exacerbados. Estes estereótipos que vêm reforçar negativa ou positivamente uma categoria social, são aplicados à cultura minoritária pela cultura dominante, e vice-versa.

A APROPRIAÇÃO CULTURAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Desde a sua descoberta e colonização que se iniciou em 1492 com a chegada de Cristóvão Colombo às ilhas do Caribe, os Estados Unidos são um verdadeiro *melting pot* de culturas e etnias, um país de emigrantes que até aos dias de hoje parecem não conseguir conviver pacificamente.

Tudo começa com a chegada dos colonizadores espanhóis, franceses, ingleses e holandeses à América do Norte, onde se deparam com as tribos índias, nativas daquele território mas que também elas tinham chegado de outro continente, mais propriamente da Ásia. Os índios possuíam técnicas de agricultura e arquitetura avançadas, tradições e valores que foram completamente aniquilados pelos colonos, para além da dissipação de imensas tribos nativas, demonstrando a clara dicotomia de civilizado vs. selvagem, onde o selvagem deve aceitar de bom grado tudo aquilo que o Homem branco, europeu e cristão lhe incute.

No final do séc. XVII, os escravos africanos tornaram-se na principal fonte de trabalho forçado e o seu comércio foi legalizado em todas as colónias. Os escravos eram forçados a trabalhar nos campos de algodão, entre outras coisas, sob condições extremas de trabalho e de sobrevivência. Eram vendidos como gado, maltratados pelos seus patrões (o que muitas vezes culminava na sua morte), vivendo miseravelmente até à abolição da escravatura em 1863 com a Guerra Civil, sendo eliminada da constituição americana em 1865. No entanto, o racismo e a sensação de superioridade do homem branco perdura até aos dias de hoje.

Séculos de opressão levam a que ambas as comunidades não tolerem com facilidade as representações de apropriação cultural pela comunidade branca, criando conflitos e um clima de tensão entre as comunidades, o que reforça o racismo e elitismo, agravando as divisões culturais muitas vezes pouco reconhecidas e divulgadas fora dos Estados Unidos.

CASO DA CULTURA AFRO-AMERICANA

A cultura afro-americana, como o próprio nome indica, sofre influências dos seus antepassados provenientes de África, tratando-se de uma fusão de culturas mais propriamente da cultura africana e da norte-americana. Compreende as contribuições culturais dos afro-americanos à cultura dos Estados Unidos da América, como parte integrante ou distinta da cultura norte-americana, pois existem influências multidirecionais.

A identidade da cultura afro-americana prende-se à experiência dos seus antepassados, que como já foi referido anteriormente, foram utilizados como escravos pelos colonos brancos, sendo que esta cultura dinâmica exerceu, e continua a exercer, um grande impacto na cultura americana como um todo e no resto do mundo. Durante a escravatura, os afro-americanos foram impedidos de praticar as suas crenças religiosas e tradições culturais, mas muitas práticas sobreviveram ao passar do tempo e reapareceram anos depois, agora com algumas mudanças fruto das influências europeias e até nativo-americanas.

Após a sua emancipação nos anos 60, emergiram tradições únicas criadas pela comunidade, com inovações a nível da música, arte, culinária, entre outros. Muitos acreditavam que estas novas práticas significavam a perda dos laços culturais com África, mas estudos antropológicos afirmam que as raízes culturais nunca desapareceram.

A cultura afro-americana evoluiu sempre em paralelo com a cultura americana devido à escravatura e à constante discriminação racial, no entanto, é possível verificar que a apropriação cultural esteve sempre presente. O principal foco de apropriação cultural é visível maioritariamente nas mulheres, mais propriamente nos cabelos, moda e imagem corporal. Hoje em dia, tornou-se habitual vermos jovens com tranças no cabelo ou outros penteados tipicamente africanos, sem sequer questionarmos a origem daqueles penteados e se é realmente correto uma pessoa branca usar algo que é tipicamente utilizado por um negro.

Nos Estados Unidos este tem sido um tema recorrente, muito devido à “normalidade” com que é tratado pela comunidade branca. Tornou-se comum ver celebridades brancas usarem tranças no cabelo e roupa com padrões tribais, quando as mulheres negras sentem-se

pressionadas a alisar os seus cabelos para estarem de acordo com o padrão de beleza socialmente aceite. Muitas destas mulheres afro-americanas perdem o seu emprego se chegarem ao escritório com o cabelo naturalmente encaracolado; se adotarem um penteado típico da sua cultura, como as tranças ou rastas, são rapidamente apelidadas de *ghetto* e acusadas de serem desleixadas. Como se sentirão estas mulheres negras ao verem celebridades brancas como Khloé Kardashian a usar o cabelo entrançado, quando elas são rebaixadas por usarem aquilo que lhes pertence?

Os casos mais mediáticos de apropriação cultural ocorrem precisamente com as irmãs Kardashian. Tratando-se de uma família muito ativa e presente nas redes sociais, são constantemente bombardeadas de comentários quando publicam alguma fotografia ou vídeo que espelhe apropriação cultural. Fotos com as *boxing braids* ou os *bantu knots* são presença habitual no *Instagram* de Kim ou Khloé Kardashian, até na passadeira vermelha ou em aparições publicitárias. No entanto, quando a atriz e cantora afro-americana Zendaya pisou a passadeira vermelha na cerimónia dos Óscares de 2016 usando um penteado com rastas, as críticas negativas não se fizeram esperar, sendo apelidada de suja e até malcheirosa.



1. *Bantu knots*

Os penteados são então a forma mais comum de apropriação cultural, pois as tranças por todo o cabelo são originárias das tribos africanas, cujos membros do sexo feminino entrançavam o cabelo como forma de enviar mensagens aos seus deuses. Sendo a cabeça, e consequentemente o cabelo, a parte mais elevada do corpo, acreditavam que esta funcionaria como uma espécie de portal da alma. Quando foram escravizados, os seus cabelos eram rapados como forma de os desumanizar, daí a importância e significado que a comunidade

afro-americana atribui ao seu cabelo, assim como a importância dessa questão ser respeitada e não apropriada pelas restantes comunidades.



2. Exemplos de tranças

A apropriação também acontece na moda, com *designers* conceituados a utilizarem as tribos africanas como inspiração, no entanto não contratam nenhuma modelo de raça negra. Tem revelado também uma grande influência nos padrões de beleza, sendo vangloriada a pele morena, mas não demasiado, fazendo com que muitas mulheres afro-americanas se sintam “escuras demais”, e o corpo curvilíneo com anca mais larga, típico das mulheres africanas.

Aqui está novamente presente a relação entre a cultura e poder, onde a cultura branca tem o poder de se apropriar daquilo que vê como esteticamente aprazível, mas ao mesmo tempo impede a comunidade minoritária de utilizar essas representações que sempre lhe pertenceram. As identidades coletivas também entram em questão, pois as formas práticas culturais de qualquer sociedade são produzidas pelas suas próprias estruturas e determinadas pela subjetividade individual de cada um. As identidades que um indivíduo adota para se definir a si próprio são produzidas pelos contextos sociais, sendo que o fenômeno da apropriação cultural implica um roubo de identidade pessoal e coletiva.

CASO DA CULTURA ÍNDIA NORTE-AMERICANA

Como já foi referido anteriormente, os índios ou nativos norte-americanos foram os primeiros povos a sofrer às mãos dos colonos, em grande parte devido às doenças trazidas da Europa, como a varíola que erradicou grande parte da comunidade nativa. Após o estabelecimento dos Estados Unidos com as primeiras treze colónias, o presidente George Washington leva a cabo a ideia de “civilizar” os nativos, de modo a prepará-los para a assimilação como cidadãos norte-americanos. Esta assimilação cultural, voluntária ou forçada, tornou-se numa política consistente na administração americana.

As tribos nativas possuíam muitos hectares de terra que eram de grande interesse para o governo, visto que este pretendia utilizar essas terras para a expansão da população norte-americana. Então, no início do séc. XIX a pressão sob as terras nativo-americanas aumentou, aumentando também a tensão e as guerras entre brancos e nativos que culminou na aprovação da *Indian Removal Act* pelo Congresso, autorizando o governo a retirar os nativos das suas terras e a realojá-los junto do rio Mississipi. Esta situação resultou no desaparecimento de muitas tribos através da força bruta, com as Guerras Indígenas.

Atualmente existem 566 tribos reconhecidas federalmente, cujas tradições e valores variam de tribo para tribo, mas todas possuem um objetivo comum: ajudar a preservar a cultura nativo-americana. Através das escolas, tentam manter vivas as línguas nativas como a *Cherokee* ou *Navajo*. No entanto, muitas das suas representações são utilizadas indevidamente em casos de apropriação cultural.

A situação mais recorrente relativamente à cultura nativo-americana é o uso das capotas de guerra, tradicionalmente utilizadas pelos líderes masculinos que mereceram o respeito da sua tribo. São algo cuja importância espiritual e política é muito elevada que só deve usada por quem mereceu o direito e a honra através do reconhecimento formal da sua tribo. Originalmente eram utilizadas em batalhas, mas hoje em dia são usadas principalmente em cerimónias devido ao seu valor simbólico.

No entanto, é comum ver alguém mascarado de índio no Carnaval ou Halloween e usar uma capota de guerra sem saber o seu significado, sendo que este ato é considerado pelos

nativos como um “genocídio cultural”. O próprio ato de se mascarar de outra cultura é um ato de apropriação cultural pois, novamente, trata-se de uma situação de poder e de roubo da identidade pessoal e coletiva. A nossa construção social de identidade faz com que não vejamos a ofensa em certos atos de apropriação, cegando-nos pelo desrespeito e injúria a séculos de tradição. É então habitual nos EUA e pelo mundo presenciar esta situação. A mais mediática dos últimos anos teve lugar no desfile anual da *Victoria's Secret* de 2012, onde a modelo Karlie Kloss desfilou com uma capota de guerra durante um segmento alusivo aos meses do ano, sendo que este pretendia representar novembro através do Dia de Ação de Graças. Após a divulgação das imagens, a empresa e a modelo emitiram comunicados pedindo desculpa e esse segmento foi retirado da transmissão televisiva do desfile.

Os festivais de música também são um local repleto de apropriações culturais para onde a população vai muitas vezes mascarada, de modo a encarnar uma personagem. No entanto, o elevado uso de representações indígenas levou a que o conhecido festival *Coachella*, proibisse em 2014 o uso de capotas de guerra no recinto.

Talvez a situação mais controversa nos EUA seja a do uso de símbolos nativos como mascotes de equipas desportivas. O mais conhecido é o símbolo dos Washington Redskins, sendo que a própria palavra *redskins* é depreciativa e de cariz racista para com a comunidade nativa. Esta equipa de futebol americano é constantemente alvo de críticas desde os anos 40. Campanhas e pedidos para a alteração do nome e logótipo, com a justificação de que estes perpetuam os estereótipos negativos para com os nativos e rebaixam as suas tradições e rituais.



3- Exemplo de capota de guerra



4- Logótipo dos Washington Redskins

OUTROS EXEMPLOS DE APROPRIAÇÃO CULTURAL

Para além dos dois principais casos de apropriação cultural nos Estados Unidos da América, mais propriamente o da cultura afro-americana e índia norte-americana, também é possível verificar outros momentos de apropriação cultural de outras culturas. Uma apropriação cultural generalizada é a da cultura indiana, através do uso das vestes tradicionais indianas em máscaras e disfarces, do uso do *bindi*² como algo decorativo e da *hena*³ em *mehndi*⁴ fora das cerimónias religiosas.

A cultura irlandesa é também apropriada através do feriado de *St. Patrick's Day*. Nos Estados Unidos da América as tradições foram distorcidas para dar origem a um dia onde a população glorifica negativamente e estereotipa tudo o que é de origem irlandesa, desde o abuso do álcool à troça do sotaque e aparência.

Em alguns casos, uma cultura geralmente vista como o alvo de apropriação cultural pode tornar-se no agente de apropriação, particularmente após colonização ou um extenso período de reorganização da cultural. Por exemplo, o governo do Gana foi acusado de apropriação cultural na adoção do Dia da Emancipação das Ilhas do Caribe, comercializando e publicitando o feriado para turistas afro-americanos como um "festival africano".



5- Exemplo de apropriação do uso do *bindi*

² Bindi- ponto vermelho no centro da testa usado por mulheres Hindus ou Jain.

³ Hena- corante originário de uma planta.

⁴ Mehndi- pasta feita com hena, usada para criar as tatuagens temporárias tradicionais indianas.

CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa permitiu-me perceber que hoje em dia, mais do que nunca, devemos estar atentos e conscientes relativamente aos casos de apropriação cultural, devido ao intenso clima político em que vivemos. O mundo é agora uma plataforma multicultural de livre circulação, no entanto devemos manter a sensibilidade e, principalmente, o respeito pelas demais culturas que nos rodeiam.

Trata-se de nos colocarmos no lugar do “outro”, especialmente se esse “outro” se tratar de uma comunidade minoritária e o “nós” uma comunidade dominante, perceber os discursos e narrativas, as estruturas de pensamento de quem nos circunda. A apropriação cultural não se trata da apreciação de outra cultura, mas sim do roubo de identidade, desrespeito de valores, tradições e séculos de história.

Como nova geração que somos, temos o dever e a capacidade de lutar para evoluir enquanto sociedade liberal, de mente aberta, consciente e compreensiva, continuando a busca pela utópica sociedade igualitária e sem discriminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Apropria%C3%A7%C3%A3o_cultural (consultado a 6 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Cultural_appropriation (consultado a 6 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos (consultado a 8 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Native_Americans_in_the_United_States (consultado a 8 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Slavery_in_the_United_States (consultado a 8 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/African-American_culture (consultado a 14 de Janeiro de 2017).

Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/African-American_hair (consultado a 14 de Janeiro de 2017).